

SAIBA OS EQUIPAMENTOS IMPORTANTES PARA OS TRABALHADORES DO CAMPO

**ESPECIAL**

**Diário do Pará**

A PRIMEIRA REVISTA DO AGRONEGÓCIO PARAENSE

# agropará

**Nº 42**  
ABRIL 2026



FOTO: RICARDO AMANALAS

## UM BRINDE AOS NOSSOS SABORES!

**BEBIDAS FEITAS COM INGREDIENTES  
AMAZÔNICOS SE DESTACAM NOS BARES  
E RESTAURANTES DE BELÉM. CONHEÇA!**

FOTO: RICARDO AMANAJÁS



Nº 42 ABRIL 2026



@jornaldiariodopara  
@diariodopara

**Presidente do Grupo RBA:**  
Camilo Centeno

**Gerente Comercial**  
Patrícia Tupinambá

**Diretor de Redação:**  
Clayton Matos

**Gerente Industrial:**  
Dirceu Reis

**Editor:**  
Fábio Nóvoa

**Designer:**  
Júlio Brasília

**Textos:** Cintia Magno  
e Luiz Octávio Lucas

Endereço: Av. Almirante Barroso, 2190 CEP 66095.000 - Belém-PA

91 3084-0118

Central do Assinante: (91) 3084-0100

**Especial**

**CLIENTES DE BARES E RESTAURANTES ESTÃO DESCOBRINDO SABORES PARAENSES NAS SUAS BEBIDAS, ENTRE CERVEJAS E CACHAÇAS**

**P 16**

FOTO: RICARDO AMANAJÁS

**SEGURANÇA**  
OS EQUIPAMENTOS QUE SÃO IMPORTANTES PARA O TRABALHO NO CAMPO

**P24**



FOTO: DIVULGAÇÃO

**MINSSEN** INOVAÇÃO ROBÓTICA NA COLHEITA DO AÇAÍ É PREMIADA

**P4**

**PESQUISA**  
A IMPORTÂNCIA DA LOGÍSTICA NO BEM ESTAR BOVINO E NA QUALIDADE DA CARNE



**MENOS BUROCRACIA**  
AS MUDANÇAS NO CADASTRO AMBIENTAL RURAL NO PARÁ (CAR), QUE FACILITA REGULARIZAÇÃO

**P04**



FOTO: ALEX RIBEIRO/AGÊNCIA PARÁ

**BONNA** FUNDO FINANCEIRO APOIA DESENVOLVIMENTO DA CADEIA DO AÇAÍ

**P27**

# O FUTURO É AGORA



## Muito se fala sobre o futuro que está por vir.

Para nós, ele já chegou e tem o rosto de quem empreende todos os dias. É o artesão, o pequeno produtor, o dono de negócio que inova com o que tem e gera muito mais do que renda.

**Nossa missão é estar ao lado dessas pessoas antes da primeira conquista, e muito depois dela.**

 @sebraepa  
 0800 570 0800  
 [pa.loja.sebrae.com.br](http://pa.loja.sebrae.com.br)

**SEBRAE**

# A REGULARIZAÇÃO AMBIENTAL DEVE CHEGAR A QUEM MAIS PRECISA"

O CADASTRO AMBIENTAL RURAL (CAR) FOI SIMPLIFICADO NO PARA TORNÁ-LO MAIS ÁGIL E EFICIENTE, ESPECIALMENTE PARA PEQUENOS PRODUTORES. SAIBA O QUE MUDA COM AS MEDIDAS

■ LUIZ OCTÁVIO LUCAS

A regularização ambiental de pequenas propriedades rurais no Pará avança em 2026. Segundo o secretário de Estado de Meio Ambiente, Clima e Sustentabilidade, Raul Protazio Romão, a Secretaria de Meio Ambiente, Clima e Sustentabilidade (Semas) implementou uma série de medidas para tornar mais ágil e eficiente a análise do Cadastro Ambiental Rural (CAR), especialmente para pequenos produtores e posseiros.

Entre as mudanças, estão a simplificação de fluxos internos, priorização de cadastros de pequenos produtores e a qualificação da base de dados, com a exclusão de registros inconsistentes ou irregulares.

De acordo com o secretário, essas ações ajudam a reduzir o tempo de análise e facilitam o trabalho técnico. Romão lembra que, desde 2019, o Governo do Pará tem avançado na implementação de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento rural sustentável e à redução de emissões.

Muitas dessas iniciativas, entre elas o Programa Pecúria Sustentável, Territórios Sustentáveis e projetos de Pagamento por Serviços Ambientais, utilizam o CAR como critério de elegibilidade.

“Implementamos a Instrução Normativa nº 2/2026, que define os procedimentos para a análise simplificada e a retificação do CAR de pequenas propriedades ou poses rurais no Estado do Pará, tornando a análise mais ágil e garantindo que essas políticas públicas cheguem com mais rapidez à ponta, beneficiando principalmente os pequenos produtores, que dependem dessa regularização para acessar incentivos e oportunidades”, afirma.



Segundo ele, a principal vantagem da mudança é o acesso mais rápido à regularização ambiental, condição essencial para participação em políticas públicas, acesso a crédito, programas de incentivo e valorização da produção sustentável.

“Com a análise mais célere, os pequenos produtores deixam de ficar longos períodos aguardando retorno e passam a ter mais segurança jurídica e oportunidades concretas de inclusão produtiva sustentável”, diz.

Romão também destaca que a Semas regulamentou, por meio da Instrução Normativa nº 1/2026, o cancelamento de cadastros irregulares ou inativos, muitos deles com indícios de fraude ou sobreposição. A retirada desses registros da base contribui para “limpar” o sistema e permitir que os analistas se concentrem em cadastros válidos. “Essa instrução normativa vem para solucionar problemas de cadastros com indícios de irregularidades, como registros incidentes em terras indígenas ou unidades de conservação”, explica.

### ENTREVISTA

A reportagem da revista Agropará conversou também com Rodolpho Zahluth Bastos, secretário adjunto de Gestão e Regularidade Ambiental da Semas, que deu mais detalhes sobre as mudanças no CAR. Acompanhe!

### O QUE MUDOU NO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E CORREÇÃO DO CADASTRO AMBIENTAL RURAL (CAR) PARA PEQUENAS PROPRIEDADES NO PARÁ?

Foi criado um rito mais ágil, a partir do Programa Regulariza Pará (Decreto nº 2.745/2022) para tratar especificamente o CAR das pequenas propriedades, até 4 módulos fiscais. A Instrução Normativa (IN) nº 2/2026 estabelece a análise simplificada, que usa metodologias automatizadas e cruzamento com bases geoespaciais oficiais para verificar as informações com mais velocidade. Além disso,



## O CAR ANALISADO E REGULAR, O PRODUTOR CONSEGUE ACESSAR OS PROGRAMAS DE APOIO, CRÉDITO RURAL E ASSISTÊNCIA TÉCNICA"

trouxemos a figura da retificação administrativa, quando a Semas identifica divergência nos dados declarados, ela pode corrigir diretamente, com base em dados oficiais, sem esperar o produtor tomar a iniciativa. O processo ganhou fluidez sem abrir mão do rigor técnico.

### QUAL FOI A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO DA SECRETARIA PARA ADOPTAR UM PROCESSO MAIS RÁPIDO NA ANÁLISE DO CAR?

O diagnóstico era claro, muitos pequenos produtores e agricultores familiares ficavam travados por conta de um CAR pendente ou com inconsistência, e isso impedia o acesso a crédito, ao Pronaf, à assistência técnica. A gente precisava destampar esse gargalo. O Regulariza Pará tem exatamente esse propósito, fazer a regularização ambiental chegar de verdade a quem mais precisa, com um processo que o Estado consiga dar conta e o produtor consiga acompanhar.

### DE QUE FORMA ESSA MUDANÇA PODE BENEFICIAR PEQUENOS PRODUTORES E POSSEIROS RURAIS NO ESTADO?

O CAR analisado e regular, o produtor consegue acessar os programas de apoio, crédito rural e assistência técnica. A IN também prevê prioridade para imóveis vinculados à agricultura familiar e para quem está em municípios prioritários no combate ao desmatamento.

### COMO O PRODUTOR PODE SOLICITAR A ANÁLISE OU A CORREÇÃO DO SEU CADASTRO AMBIENTAL RURAL DENTRO DESSE NOVO PROCEDIMENTO?

Aqui é importante entender como funciona na prática. A Semas pode iniciar a retificação por conta própria, a qualquer tempo, quando identifica divergências, dispensada a prévia solicitação do produtor. Mas o produtor também tem voz ativa nesse processo. A IN é clara, o proprietário, o posseiro ou o responsável técnico podem, a qualquer momento, contestar as informações retificadas por meio de protocolo eletrônico direcionado à Semas. Essa contestação precisa ser fundamentada e vir acompanhada de documentação técnica que comprove a inadequação da correção. A partir daí, o nosso corpo técnico analisa e pode manter a retificação, revertê-la parcial ou totalmente, ou pedir mais informações. E a gente não deixa o produtor sozinho nesse processo. A IN prevê apoio técnico por meio de orientações, atendimento especializado e, especialmente, os mutirões de atendimento e regularização ambiental, que são a nossa principal porta de entrada no território, levando o serviço diretamente ao município e à comunidade. Além disso, a gente trabalha com municípios conveniados, instituições de assistência técnica, extensão rural e outras parcerias para ampliar ainda mais esse alcance.



**QUEM NÃO RESPONDE A UMA NOTIFICAÇÃO DA SEMAS NO PRAZO ESTABELECIDO TEM O CAR SUSPENSO, E ISSO TEM CONSEQUÊNCIAS CONCRETAS PARA O ACESSO A CRÉDITO E POLÍTICAS PÚBLICAS”**

### QUAIS SÃO OS ERROS OU PENDÊNCIAS MAIS COMUNS ENCONTRADOS NO CAR DE PEQUENAS PROPRIEDADES?

Os mais frequentes são, a delimitação incorreta do perímetro do imóvel, ausência ou erro na identificação das APPs, margem de rio, nascente, topo de morro, sobreposição involuntária com outros imóveis cadastrados, e documentação fundiária desatualizada. É por isso que a IN lista as camadas que podem ser retificadas administrativamente, cobertura do solo, uso da terra, APPs, Reserva Legal, Áreas de Uso Restrito e Servidão Administrativa. São exatamente os pontos onde concentramos os problemas.

### A NOVA MEDIDA REDUZ O TEMPO DE ESPERA PARA REGULARIZAÇÃO AMBIENTAL? COMO ISSO FUNCIONA NA PRÁTICA?

Sim, reduz. A análise simplificada usa critérios técnicos objetivos, diagnósticos automatizados e priorização de procedimentos para reduzir o tempo sem comprometer a qualidade. Na prática: o imóvel entra no fluxo, passa por diagnóstico geoespacial cruzando com as bases oficiais, IBGE, Incra, Iterpa, Funai, Prodes, Deter e, se atender os critérios cumulativos da IN, segue para a via simplificada. Ganha prioridade quem está vinculado a políticas de agricultura familiar, quem está em municípios críticos de desmatamento e quem já participa de programas de desenvolvimento rural sustentável.

### O QUE ACONTECE COM O PRODUTOR QUE AINDA NÃO FEZ OU NÃO ATUALIZOU O CADASTRO AMBIENTAL RURAL?

Fica fora de vários programas e corre risco. Quem não responde a uma notificação da Semas no prazo estabelecido tem o CAR suspenso, e isso tem consequências concretas para o acesso a crédito e políticas públicas. A orientação da Semas é: não espere ser notificado. A gente está nos territórios com os mutirões, os municípios conveniados estão habilitados para ajudar, e a Emater e outras entidades de assistência técnica também estão nessa rede. O caminho está aberto.

### QUE ORIENTAÇÕES A SEMAS DÁ AOS PRODUTORES PARA EVITAR PROBLEMAS OU INCONSISTÊNCIAS NO PREENCHIMENTO DO CAR?

A principal é: não preencha sozinho se tiver dúvida, procure apoio técnico antes, não depois do erro. Além disso, mantenha seus dados de contato atualizados na Central de Comunicação do SICAR/PA, porque é por ali que chegam as notificações e os pareceres, e o prazo começa a contar a partir do envio pela Semas. Delimite bem o perímetro do imóvel, identifique as APPs corretamente e verifique se não há sobreposição com outros cadastros. As inconsistências de natureza exclusivamente cadastral, que não afetem a caracterização ambiental ou fundiária, podem ser resolvidas depois, sem travar a validação ambiental do CAR. A norma prevê isso expressamente.

## PARA ENTENDER

### O QUE É O CAR?

criad p la Lei nº 12.651/2012, no âmbito do Sistema Nacional de Informação sobre Meio Ambiente - SINIMA, e regulamentado pela Instrução Normativa MMA nº 2, de 5 de maio de 2014, o Cadastro Ambiental Rural - CAR é um registro público eletrônico de âmbito nacional, obrigatório para todos os imóveis rurais, com a finalidade de integrar as informações ambientais das propriedades e posses rurais referentes às Áreas de Preservação Permanente - APP, de uso restrito, de Reserva Legal, de remanescentes de florestas e demais formas de vegetação nativa, e das áreas consolidadas, compondo base de dados para controle, monitoramento, planejamento ambiental e econômico e combate ao desmatamento.

**A inscrição no CAR** é o primeiro passo para obtenção da regularidade ambiental do imóvel, e contempla: dados do proprietário, possuidor rural ou responsável direto pelo imóvel rural; dados sobre os documentos de comprovação de propriedade e ou posse; e informações georreferenciadas do perímetro do imóvel, das áreas de interesse social e das áreas de utilidade pública, com a informação da localização dos remanescentes de vegetação nativa, das Áreas de Preservação Permanente, das áreas de Uso Restrito, das áreas consolidadas e das Reservas Legais.

9.749 pessoas em  
33 comunidades com  
1 certeza:

o futuro que  
desejamos nós  
fazemos hoje,  
juntos

**Alan e Antonio Gabriel,**  
netos da dona Lucineia,  
da comunidade Cipoteuá (PA)

Guiados pelo compromisso com o planeta e as pessoas, buscamos no diálogo e na colaboração com a população as soluções para promover o desenvolvimento socioeconômico das comunidades do nosso entorno com a preservação da floresta e da biodiversidade na Amazônia. Assim nasceu o **SOMAR**, nosso programa de responsabilidade socioambiental.

Implementado em 2023 em parceria com a Earthworm Foundation e o apoio do Instituto Peabiru como uma evolução das nossas estratégias de gestão socioambiental na região, o **SOMAR** já propiciou importantes melhorias nas áreas de educação, infraestrutura, meio ambiente, saúde e bem-estar. E assim seguirá avançando – e provando, como acreditamos, que é possível criar valor sem destruir.



**agropalma**

[www.agropalma.com.br/sustentabilidade](http://www.agropalma.com.br/sustentabilidade)



# Um tanto de tudo

GUILHERME MINSSEN

✉ gminssenzoo@gmail.com



## CONQUISTA INÉDITA

Pará conquista pela primeira vez o PRÊMIO NACIONAL DE INOVAÇÃO no 11º CONGRESSO da INOVAÇÃO da INDÚSTRIA.

AÇAÍ BOT da KAATECH foi recebido em um jantar festivo pelas Entidades Empresariais do Pará no Vila Galé



## CELEBRAÇÃO

O empresário Reinaldo Santos e a diretoria da KAATECH de Icoaraci comemoraram em Belém o prêmio recebido do World Trade Center de São Paulo.



## CONTRATAÇÃO DE PESO

V8 do SERTANEJO da raça Mangalarga Marchador é a nova contratação do plantel paraense e será o reprodutor do Haras Cricabom de João Maestri em Dom Eliseu. "V8" é filho de Herdade Naípe em égua Herdade Capricho.



## COMERCIALIZAÇÃO RECORDE

5º MARAJÓ BÚFALOS da Associação Paraense dos Criadores de Búfalos comercializou R\$ 591.400,00 com expressivas médias de R\$ 27.466,00 para touros e R\$ 12.533,00 para matrizes com apoio da FAEPA e ABCB.

FOTO: DIVULGAÇÃO



FOTO: DIVULGAÇÃO



## O HOMEM DOS NÚMEROS

Professor Ulisses da SEDAP e consultor da FAEPA, é o competente técnico que nos alimenta com estatísticas do agronegócio paraense.



## PELA VERTICALIZAÇÃO

Precisamos verticalizar a produção e liberar novos mercados para a indústria!

- 1 **Mato Grosso**  
805,7 mil t | US\$ 4,21 bi (23,3%)
- 2 **São Paulo**  
690,9 mil t | US\$ 3,76 bi (20%)
- 3 **Goiás**  
423,9 mil t | US\$ 2,19 bi (12,3%)
- 4 **Mato Grosso do Sul**  
378,4 mil t | US\$ 1,98 bi (10,9%)
- 5 **Rondônia**  
310,2 mil t | US\$ 1,55 bi (8,9%)
- 6 **Minas Gerais**  
270,7 mil t | US\$ 1,39 bi (7,8%)
- 7 **Pará**  
241,3 mil t | US\$ 1,22 bi (6,9%)
- 8 **Tocantins**  
136,7 mil t | US\$ 661,4 mi (3,9%)
- 9 **Rio Grande do Sul**  
94,5 mil t | US\$ 451,8 mi (2,7%)
- 10 **Paraná**  
46,5 mil t | US\$ 225,6 mi (1,3%)

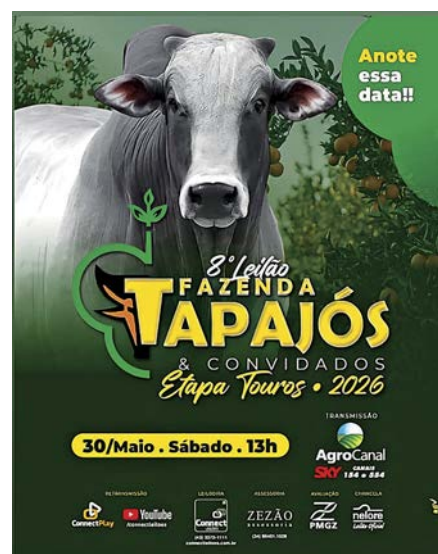
Fonte: Agrostat - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro/MAPA/MDIC

## TIPO EXPORTAÇÃO

Mesmo tendo o segundo maior rebanho brasileiro de bovinos e o primeiro de bubalinos, somos apenas o 7º exportador de carne no Brasil.

## MAIORES REBANHOS BOVINOS DO BRASIL

- 1º - São Feliz do Xingu (PA) - 2,5 milhões 🐮
- 2º - Corumbá (MS) - 2,2 milhões 🐮
- 3º - Porto Velho (RO) - 1,8 milhão 🐮
- 4º - Cáceres (MT) - 1,4 milhão 🐮
- 5º - Marabá (PA) - 1,3 milhão 🐮
- 6º - Lábrea (AM) - 1,2 milhão 🐮
- 7º - Vila Bela da Sma.Trindade(MT) - 1,1 milhão 🐮
- 8º - Novo Repartimento (PA) - 1,0 milhão 🐮
- 9º - Rio Branco (AC) - 950 mil 🐮
- 10º - Santana do Araguaia ( PA) - 920 mil 🐮



# O IMPACTO DAS ROTAS NA CADEIA PRODUTIVA DA CARNE NO PARÁ

PESQUISA DA UFPA REVELA COMO O TRANSPORTE PODE AFETAR O BEM-ESTAR BOVINO E A QUALIDADE DA CARNE

■ CINTIA MAGNO

**A**té que chegue à mesa do consumidor, o gado enfrenta um percurso rodoviário que pode influenciar o padrão de qualidade da carne obtida no final da cadeia produtiva. Uma recente pesquisa realizada na Universidade Federal do Pará (UFPA) evidencia que viagens longas, manejo inadequado e horas de espera nos abatedouros impactam diretamente o bem-estar dos animais, causando estresse, e consequentemente reduzindo diretamente a qualidade da carne.

O estudo, desenvolvido por Amanda Roberta Mafra de Sena no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal (PPGCAN/UFPA), propôs a criação de um etograma, uma ferramenta padronizada de observação de comportamento, para

avaliar bovinos machos da raça zebuína submetidos ao confinamento no curral de espera pré-abate em Castanhal (PA).

A pesquisadora explica que esta é a raça mais prevalente no estado do Pará e, portanto, foi escolhida como objeto da pesquisa. “Atualmente, o Brasil é um dos maiores produtores mundiais de carne e o estado do Pará é o segundo maior produtor de rebanho bovino do Brasil. Então, essa é uma pesquisa que tem bastante relevância aqui dentro do nosso contexto”, explica Amanda Mafra. “Na cadeia produtiva a gente perpassa por muitos fatores, até o produto final que seria a carne. E um desses fatores que está bastante atrelado à qualidade da carne é a questão do transporte da fazenda até o abatedouro e a própria espera dos animais no abatedouro frigorífico”.

“

**UM DOS FATORES QUE ESTÁ BASTANTE ATRELADO À QUALIDADE DA CARNE É A QUESTÃO DO TRANSPORTE DA FAZENDA ATÉ O ABATEDOURO E A PRÓPRIA ESPERA DOS ANIMAIS NO ABATEDOURO FRIGORÍFICO”**

Amanda Mafra, pesquisadora



**Amanda Roberta Mafra** FOTO: DIVULGAÇÃO

## O IMPACTO DAS DISTÂNCIAS

O experimento de campo analisou as condições de zebuínos machos não castrados, com cerca de três anos e 500 kg de peso. Os animais saíram de diferentes municípios do Pará e foram transportados até um abatedouro frigorífico em Castanhal, onde foram colocados no curral de pré-abate.

Os animais foram divididos em dois grupos principais: os que viajaram distâncias curtas (até 310 km) e os que enfrentaram longas jornadas (acima de 600 km). Os dados revelaram que animais submetidos a trajetos extensos chegaram visivelmente mais fatigados, com privação de água e comida, o que reduziu drasticamente a expressão de comportamentos naturais, como a exploração do ambiente.

Por outro lado, o estresse do deslocamento também gerou um aumento em comportamentos agressivos, chamados de agonísticos. A pesquisadora explica que essa conclusão foi possível porque a pesquisa avaliou uma gama de comportamentos analisados, que iam desde interação social, comportamentos que avaliavam a ingestão de água, interações violentas, entre outros. “Tiveram alguns comportamentos que os animais que vieram de longas distâncias apresentaram mais do que os animais que vieram de curta. Eles apresentaram mais comportamentos agonísticos – que são comportamentos ligados a interações violentas – que os animais que foram transportados por curta distância.

Então, a gente relacionou isso com o estresse que esses animais passaram”, explica a autora do estudo. “Muitas vezes, quando esses animais vão ser transportados, eles também sofrem a mistura de lote. Seriam animais que não foram criados dentro do mesmo convívio e que são misturados entre si. Isso já é um fator que vai causar estresse porque esses animais não estão habituados com esse novo grupo. E dentro dos grupos dos bovinos, eles têm as suas questões de liderança e dominância. Ou seja, às vezes ocorre a mistura de machos dominantes e com isso vai haver interações violentas entre eles”.

Para além das interações violentas, as próprias condições do transporte e do percurso impactam no bem-estar dos animais: como a exaustão da estrada, somada às vias esburacadas, poeira e variações climáticas. Também há o impacto do tempo de espera no curral do frigorífico que pode durar, em média, 13 horas. Se a infraestrutura do curral for inadequada, o estresse do animal também é prolongado.

## PRATE E RADO SUPLENIMENTO

Todo esse impacto no bem-estar bovino não fica restrito ao curral. Ele também é transferido para o produto final. A dissertação demonstrou que as condições pré-abate alteram quimicamente o músculo do animal, gerando dois tipos de defeitos conhecidos na indústria: a carne PSE (pálida, macia e exsudativa) e a carne DFD (escura, dura e seca).

A carne PSE surge quando o animal sofre um pico de estresse intenso e agudo instantes antes do abate. Já a carne DFD é o reflexo direto de exposições prolongadas ao estresse, como pode acontecer durante viagens rodoviárias longas e desgastantes. “A carne DFD seria aquela carne mais escura, mais dura e seca que a gente vê no supermercado, às vezes. Ela é causada por um estresse de longo prazo que vai acabar exaurindo as reservas de glicogênio que esse animal tem no músculo antes do abate, ou seja, é um estresse de longo

prazo, que seria provavelmente um estresse causado pela questão do transporte, do manejo”, explica Amanda. “Essa é mais comum também em animais que foram transportados por longas distâncias porque teve todo o processo de manejo dele e um transporte que durou muito tempo. E vai acabar afetando a qualidade da carne e causando essas características que não são desejáveis dentro da cadeia produtiva”.

## PR ÚZO ÉTICO E ECONÔMICO

Além de alertar para o comprometimento da qualidade do alimento, o estudo de Amanda Mafra joga luz sobre o desperdício financeiro e da própria vida do animal que pode ser causado pela negligência no transporte. “Por exemplo, um animal que foi criado em média por 2 anos em uma fazenda demandou todo um investimento para a sua criação e quando chega no transporte ele passa por todos esses processos negativos que fazem com que, na hora de fazer o abate e a retirada da carne, o animal esteja todo machucado porque o transporte não foi adequado, houve muitos solavancos na estrada, ele bateu aquela carcaça e não vai servir”, exemplifica. “Aí é todo um investimento que foi desperdiçado, uma vida que foi desperdiçada, porque a cadeia produtiva não pensou que aquilo seria maléfico para ele, não pensou que seria mais prudente investir de uma maneira que preserve o bem-estar para que aquela vida não tenha sido desperdiçada em vão e nem o dinheiro investido dentro desse processo”.

A dissertação ‘Avaliação do bem-estar em bovinos zebuínos de corte, submetidos a confinamento em curral de espera pré-abate utilizando etograma’ foi orientada pelo professor da UFPA, André Guimarães Maciel e Silva. Na prática, o estudo propõe uma ferramenta padronizada para observação do comportamento, que possa auxiliar na avaliação do bem-estar dos zebuínos no pré-abate e contribuir para o aprimoramento das práticas de manejo e das condições de espera.



# O BANCO DA AMAZÔNIA ATUA NO FINANCIAMENTO DE TODOS OS SEGMENTOS DA CADEIA PRODUTIVA”



**P**ara garantir o bem-estar animal na pecuária paraense, o Banco da Amazônia oferece linhas de crédito necessárias para os produtores, garantindo um produto de qualidade e de acordo com a legislação brasileira. Em entrevista à revista Agropará, o gerente executivo de Serviços Técnicos da instituição, Eduardo Tomiyoshi, explica quais os financiamentos disponíveis e como acessá-los.

## QUAIS INCENTIVOS O BANCO DA AMAZÔNIA TEM PARA A PECUÁRIA PARAENSE?

Como agente do Governo Federal para o desenvolvimento sustentável da Amazônia, o Banco disponibiliza recursos para o fomento do agronegócio com várias fontes, principalmente por meio do Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO). Os juros e os prazos são customizáveis e se adequam às atividades agropecuárias em geral, entre estas a pecuária bovina.

## AS LINHAS DE CRÉDITO ESTÃO DISPONÍVEIS PARA QUEM?

As linhas de crédito de fomento e comerciais estão disponíveis a todos os produtores rurais, abrangendo desde a agricultura familiar até o agronegócio empresarial.

## QUAL A IMPORTÂNCIA DESSE INCENTIVO PARA A CADEIA PRODUTIVA LOCAL?

O Banco da Amazônia atua no financiamento de todos os segmentos da cadeia produtiva da pecuária bovina no Pará. No elo produtivo “da porteira para dentro”, as operações de crédito englobam investimentos em aquisição de máquinas, equipamentos, recuperação/reforma de pastagens, infraestrutura básica pecuária, aquisição de matrizes, reprodutores, garrotes e novilhos, além de insumos básicos e disruptivos como sêmen e protocolos de IATF, essenciais ao incremento da produtividade e à melhoria genética dos rebanhos. Já “da porteira para fora”, os financiamentos de fomento alcançam fornecedores de insumos no comércio local, unidades de beneficiamento de carne e projetos de infraestrutura logística voltados ao escoamento da produção, reforçando a integração e o desenvolvimento da cadeia como um todo.

## COMO O BEM-ESTAR DA CADEIA PRODUTIVA É TRATADO NA ANÁLISE DOS PROJETOS LIBERADOS PELO BANCO?

Sempre que possível, o Banco da Amazônia incentiva práticas que tornam a produção mais eficiente e responsável, incluindo melhorias no ambiente de criação e no bem-estar dos animais. Ainda assim, a decisão final sobre a adoção dessas medidas permanece com o produtor, cabendo ao Banco avaliar a viabilidade técnica, ambiental, econômica e financeira das operações, conforme as normas vigentes.

Avançando nesta agenda, o Banco estruturou um produto-piloto que integra três dimensões essenciais do crédito rural: regularização ambiental,



**AO CONECTAR CRÉDITO, SUSTENTABILIDADE E MANEJO, O BANCO DA AMAZÔNIA ESTABELECEU UM NOVO PADRÃO: PRODUZIR MELHOR, RESPEITAR O MEIO AMBIENTE E GARANTIR O BEM-ESTAR ANIMAL DEIXAM DE SER INICIATIVAS ISOLADAS E PASSAM A FAZER PARTE DE UMA MESMA ESTRATÉGIA"**

monitoramento da propriedade e evolução do manejo produtivo – o FNO Pecuária Verde.

Nesse modelo, investimentos como pastejo rotacionado, estruturas adequadas de alimentação, acesso a aguadas e divisórias passam a ser financiados com condições mais atrativas. Isso ocorre não apenas pelos ganhos de produtividade, mas também pelo impacto direto na qualidade de vida do rebanho.

Estas práticas seguem as recomendações da Embrapa Gado de Corte para o manejo racional de baixo estresse, contribuindo para animais mais saudáveis, produtivos e adaptados ao sistema.

Conectando crédito, sustentabilidade e manejo, o Banco da Amazônia estabeleceu um novo padrão: produzir melhor, respeitar o meio ambiente e garantir o bem-estar animal deixam de ser iniciativas isoladas e passam a fazer parte de uma mesma estratégia.

Na prática, o produtor que adota esse modelo reduz riscos, aumenta a sustentabilidade do negócio e acessa crédito em condições mais favoráveis. **agro** **da**



SISTEMA

**FAEPA**

SENAR / SINDICATOS / NÚCLEOS / FUNDEPEC

**O Agro no coração  
do Pará, e na vida  
dos paraenses.**

**#orgulhodeseragro**

  **sistemafaepa**

 **Tv. Dr. Moraes, 21**



# AGRO

Pará que Produz.  
Pará que Preserva.



[www.sistemaFaepa.com.br](http://www.sistemaFaepa.com.br)

@sistemafaepa



# SABORES DA AMAZÔNIA GANHAM ESPAÇO EM TAÇAS E COPOS

**FRUTAS, ERVAS E MEL DE ABELHAS NATIVAS** INSPIRAM CERVEJAS ARTESANAIS, DESTILADOS E FERMENTADOS PRODUZIDOS NO PARÁ, IMPULSIONANDO INOVAÇÃO, PRÊMIOS INTERNACIONAIS E NOVAS CADEIAS DE VALOR PARA A BIODIVERSIDADE REGIONAL

## ■ CINTIA MAGNO

**A** biodiversidade amazônica já conquistou espaço na alta gastronomia e, cada vez mais, ganha destaque também no universo das bebidas. No Pará, empreendedores e pesquisadores transformam insumos nativos em cervejas artesanais, destilados e fermentados com identidade regional, muitos deles já premiados e em expansão no mercado.

O potencial dos sabores do Pará para a produção de cerveja foi observado há 26 anos por uma das cervejarias artesanais que atuam no estado, a Amazon Beer. Na época da fundação da marca, no ano 2000, a cervejaria artesanal já apresentava um movimento forte em outros países, mas no Brasil, e sobretudo no Pará, ainda era um cenário incerto. “A Amazon Beer



**Ana Lídia Zoni** conta que a empresa surgiu através de uma pesquisa científica que mapeou a cadeia produtiva da meliponicultura no Pará

FOTOS: DIVULGAÇÃO

foi fundada quando o cenário de cerveja artesanal no Brasil era muito pequeno ainda, tinham três ou quatro cervejarias artesanais, no máximo. E como todas as cervejarias ficavam no Sul e Sudeste do Brasil, naturalmente, elas seguiam estilos europeus e americanos para reproduzir aqui no Brasil”, contextualiza o sommelier de cerveja e sócio-proprietário da Amazon Beer, Caio Guimarães. “E a gente, para se diferenciar, estando na Amazônia, pensamos em fazer produtos diferentes, produtos únicos, que seriam irreprodutíveis”.

Em 2002 a marca lançou a primeira cerveja com o ‘DNA da Amazônia’, como se refere Caio. Desde então, a Cerveja Forest Bacuri é a que mais vende na Amazon Beer dentre as que contemplam ingredientes amazônicos. “É uma cer-



veja leve, uma cerveja bem refrescante, que tem aquela leve acidez, um leve dulçor do Bacuri. E foi um tremendo sucesso e, com isso, nós criamos uma linha com outras cervejas também. Cerveja com priprioca, cerveja com taperebá, com açaí, com erva chama”, aponta o sommelier. “Isso estou falando apenas das cervejas de linha, que são produzidas regularmente. Mas nós também já testamos cervejas sazonais com tucupi, com pimenta-de-cheiro, com acerola, com pau precioso, com camu-camu, com cupuaçu. São dezenas de cervejas com esse DNA da Amazônia”.

#### MERCADO

Mais do que a curiosidade despertada por uma cerveja que agrega sabores conhecidos dos paraenses em outros

tipos de preparos, Caio destaca que a experiência demonstrou que o paladar das cervejas com insumos regionais caiu no gosto dos clientes, o que explica o fato de até hoje, décadas depois, as bebidas serem muito consumidas. “É um hábito do paraense ver o cupuaçu, o bacuri em um doce, em um sorvete, em um chocolate. Então, apresentar uma cerveja com essas frutas é algo completamente inusitado até para quem é daqui. Não é uma coisa só turística, mas que desperta a curiosidade do paraense por ser inusitado e por valorizar os nossos insumos, a nossa diversidade, através das cervejas”, avalia. “E a gente não sentiu nenhuma desconfiança dos clientes mesmo no início, pelo contrário. Inclusive, em 2002, quando ela foi lançada, ela ganhou um prêmio brasileiro de produto inovador do ano. Em 2014, a nossa cerveja de açaí – que é uma Stout, uma cerveja escura e com açaí – foi eleita a melhor cerveja do Brasil no maior concurso de cervejas brasileiras, que acontece em Blumenau anualmente. A Cerveja de Priprioca também já foi premiada, a de Taperebá também já ganhou vários prêmios, então, são cervejas que agradam não só em Belém, mas em concursos mundo afora”.

No universo dos destilados, a mistura da bebida alcoólica com os sabores encontrados em abundância no Pará também ganhou o mundo. Proprietário do Bar Meu Garoto e idealizador da cachaça de Jambu, Leodoro Porto conta que trouxe a tradição familiar de curtir cachaças com ervas do Piauí e a adaptou à riqueza encontrada no Pará. “O meu pai fazia cachaça com ervas, cravinho, canela, gengibre. E quando eu vim para cá, em 1994, eu comecei a fazer cachaça com frutas, com ervas e tal. Era uma coisa muito simples e que não era muito valorizada”, lembra. “O meu pai fazia muito no Piauí, eu via ele fazer, e quando eu vim para cá, eu vim para trabalhar com bar. Mas acabou que eu não inseri logo a ideia da cachaça no Meu Garoto. Foi depois que eu comecei a lembrar e decidi fazer as cachaças com frutas para colocar no bar. E aí o bar começou a ficar conhecido através dessas infusões”.





**LICORES**  
**MEU GAROTO**  
**500 ML**  
**R\$ 115,00**



**LICORES**



FOTO: RICARDO AMANAJÁS

Já tendo testado diversos sabores, aprovados pela clientela, em 2011 Leodoro imaginou o efeito que seria possível alcançar com a mistura da cachaça com Jambu. O primeiro teste não deu muito certo, o segundo também não, mas ele insistiu na experiência até conseguir transferir o tremor do jambu para a cachaça. “Desde o início, a curiosidade das pessoas era grande. As pessoas associavam o jambu com o tucupi, que precisa ferver por sete dias. A pessoa ficava preocupada e eu acabava oferecendo uma prova e tranquilizando a pessoa”, explica. “E quando eu comecei a fazer isso foi um boom. Ali eu vi que seria um produto nicho de mercado porque não tinham produtos nessa categoria, então, eu busquei mais conhecimento sobre como seriam as embalagens”.

Não demorou para que os clientes que provavam a cachaça no bar perguntassem se havia opções engarrafadas para levar a bebida como souvenir. Hoje, por mês, a marca produz uma média de 5 mil a 6 mil litros de cachaça de Jambu, que



**NÃO É UMA COISA SÓ TURÍSTICA, MAS QUE DESPERTA A CURIOSIDADE DO PARAENSE POR SER INUSITADO E POR VALORIZAR OS NOSSOS INSUMOS, A NOSSA DIVERSIDADE, ATRAVÉS DAS CERVEJAS”**

**Caio Guimarães, empresário**

são comercializadas em garrafas de tamanhos diferentes que variam de 50 ml a 700 ml.

#### **BIODIVERSIDADE**

Percebendo que a cachaça caiu no gosto dos clientes, Leodoro conta que buscou

diversificar a sua produção, agregando outros sabores. “Devido eu me encontrar aqui no Pará, eu vi tanta riqueza a mais do que na minha região. Então, eu comecei a fazer cachaça com açaí, comecei a fazer com bacuri, com cupuaçu, com Castanha-do-Pará, que é bem difícil de trabalhar, mas é uma das mais apreciada porque a castanha tem um sabor único”, conta. “A gente tem também os licores, que já é uma bebida bem suave. A tradicional cachaça de Jambu é bem forte. E tentando agradar outro público, eu fiz uns sabores mais suaves com frutas. É a linha Jambucy, que é a cachaça de jambu com açaí, tem a com bacuri, cupuaçu, castanha-do-Pará e jenipapo. Aí eu consegui trazer uma bebida mais suave, mas não tão suave quanto o licor. A gente está diversificando, a ideia é ampliar mais o leque de produtos”.

E se a ideia é inovar e diversificar a partir dos sabores encontrados na região, há quem tenha observado o grande potencial do mel produzido pelas abelhas sem ferrão, nativas da Ama-

“

**AS PESSOAS ASSOCIAVAM O JAMBU COM O TUCUPI, QUE PRECISA FERVER POR SETE DIAS. A PESSOA FICAVA PREOCUPADA E EU ACABAVA OFERECENDO UMA PROVA E TRANQUILIZANDO A PESSOA”**

**Leodoro Porto,**  
empresário

zônia. Idealizadora e CEO do Hidromel Uruçun, Ana Lídia Zoni, conta que a empresa surgiu através de uma pesquisa científica que mapeou a cadeia produtiva da meliponicultura no estado do Pará e que possibilitou comprovar a alta qualidade do mel das abelhas nativas sem ferrão. “No cenário de 2019, não existia regulamentação que autorizasse a venda do mel por possuir um teor de umidade que o descaracterizava como mel por não haver legislação para o mel de abelha brasileira, apenas para as africanizadas e italianas. No exato momento, pensamos ‘por que não pegar o produto mel e transformar no hidromel (vinho de mel) com 14% de teor alcoólico?’”.

Foi assim que surgiu o Hidromel Uruçun da Amazônia. Ana Lídia explica que o hidromel é uma bebida fermentada de mel, água e levedura que traduz suas notas de sabor do mel, das floradas e do álcool produzido através da fermentação que chega em 14%. A bebida harmoniza bem com frios, mariscos, carnes brancas e silvestre.

Ela aponta, ainda, que a escolha pelo mel das abelhas nativas para a produção do Hidromel Uruçun veio das análises físico-químicas dos méis, de suas propriedades medicinais até pelo alcance de um sabor único, com identidade Amazônica. E não demorou para que o sabor com toque regional ganhasse os



**Leodoro Porto produz até 20 mil litros de a cachaca de jambu por mês**

FOTO: CELSO RODRIGUES

consumidores e o público especializado. Em 2025, o Hidromel Uruçun foi premiado como segundo melhor hidromel da América Latina pela Brasil Mead Cup. “Em 2019 produzimos 19 litros de hidromel como validação do produto e, hoje, nossa produção anual tem a capacidade de produção 20 mil litros”, conta a CEO da empresa. “Inicialmente, ganhamos o mercado paraense e nos anos de 2021,

com uma central de distribuição em São Paulo, ampliamos a distribuição e venda do hidromel Uruçun em tempo hábil. A partir de 2022 ganhamos o mercado internacional e com o apoio do Sebrae e da Apex Brasil. Iniciamos pela Alemanha, África do Sul, Panamá e Suriname”.

Já consolidada no mercado, a marca também viu a sua demanda crescer em 300% com a COP 30, realizada em Belém

“

**EM 2019 PRODUZIMOS 19 LITROS DE HIDROMEL COMO VALIDAÇÃO DO PRODUTO E, HOJE, NOSSA PRODUÇÃO ANUAL TEM A CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DE 20 MIL LITROS”**

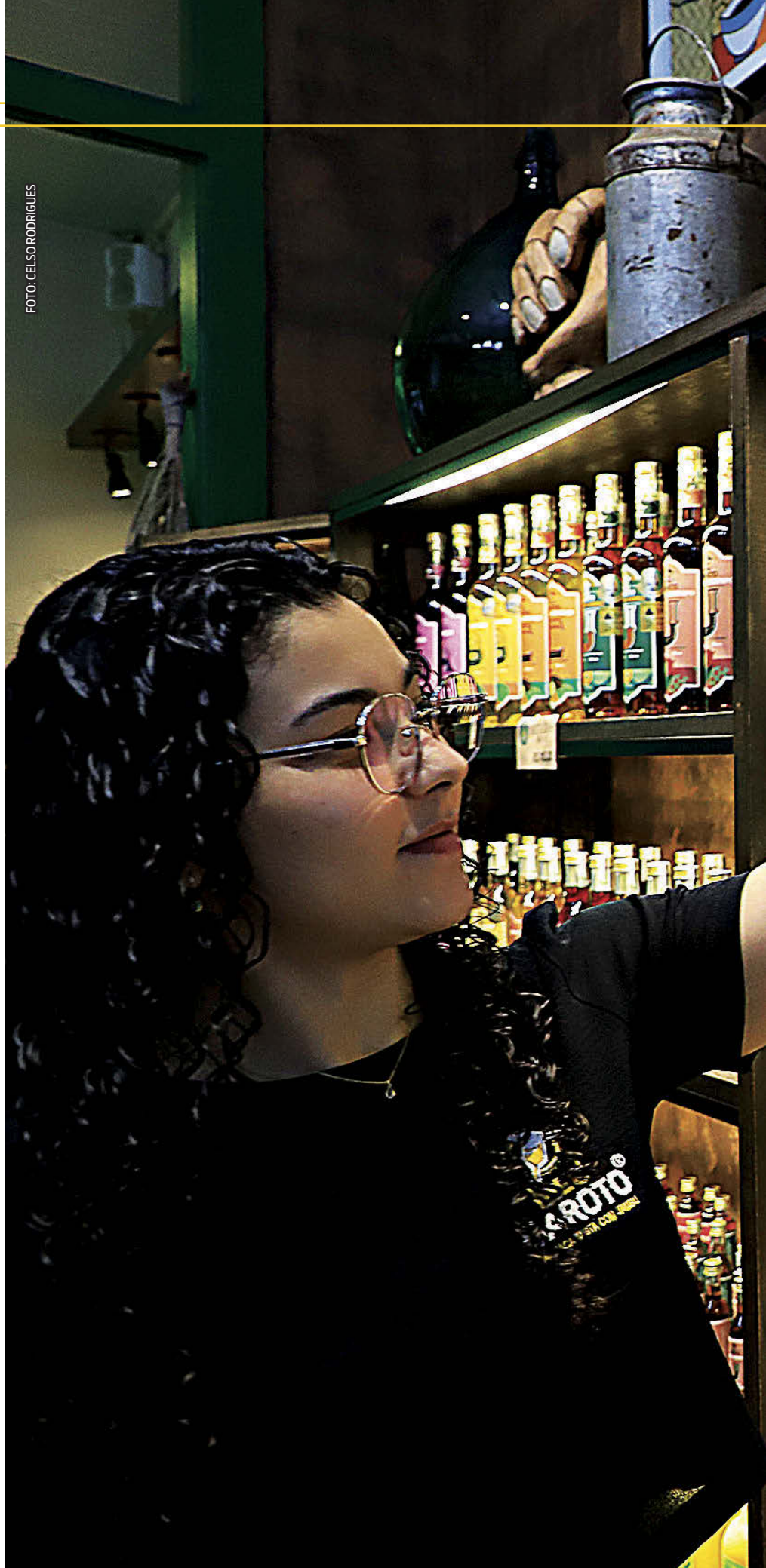
Ana Lídia Zoni, Hidromel Uruçun

no final de 2025. “Hoje, estamos com uma tecnologia própria chamada Melipona Tech, que identifica as floradas de interesse meliponícola, provisionando a safra do mel e do hidromel”, aponta. “E hoje a gente possui contrato de parceria com 300 chefes de família que criam as abelhas nativas sem ferrão e vendem o mel para a empresa, oportunizando também o desenvolvimento social dessas comunidades tão distantes da capital Belém do Pará”.

### CIÊNCIA

Para além do sucesso comercial nas capitais, a ciência tem desempenhado um papel fundamental para garantir que essa revolução etílica também gere desenvolvimento direto nas bases florestais. É o caso do trabalho desenvolvido pela Embrapa Amapá, que, com apoio da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e parceria do empreendimento Flor de Samaúma, vem capacitando comunidades ribeirinhas no município de Afuá (PA), região do arquipélago do Marajó. O projeto ensina os produtores locais a transformarem a polpa do açaí em uma bebida fermentada com propriedades sensoriais que lembram vinhos finos secos. Através de oficinas práticas e da distribuição de kits de produção artesanal, os ribeirinhos aprendem técnicas de separação, filtragem e engarrafamento, agregando valor ao açaí tradicional e abrindo novas frentes de geração de renda sustentável na Amazônia. **agro** DA

FOTO: CELSO RODRIGUES





JAMBUKY 500 ML

JAMBUKY AÇAÍ	R\$7,00
JAMBUKY CACAU	R\$7,00
JAMBUKY CUPUAÇU	R\$7,00
JAMBUKY CASSIA	R\$7,00
JAMBUKY MANGABO	R\$7,00

JAMBUKY 275 ML

JAMBUKY AÇAÍ	R\$4,50
JAMBUKY CACAU	R\$4,50
JAMBUKY CUPUAÇU	R\$4,50
JAMBUKY CASSIA	R\$4,50
JAMBUKY MANGABO	R\$4,50



# **SEGURANÇA NO TRABALHO RURAL É FUNDAMENTAL**



**O USO ADEQUADO DE EPIS, ALÉM DA CAPACITAÇÃO E ADOÇÃO DE BOAS PRÁTICAS, PODEM REDUZIR SIGNIFICATIVAMENTE OS RISCOS PARA OS TRABALHADORES DO CAMPO**

■ LUIZ OCTÁVIO LUCAS

**N**o campo, onde boa parte das atividades depende de esforço físico, contato direto com máquinas e exposição a fatores naturais, a segurança do trabalhador é um tema que gera preocupação cada vez maior. O uso adequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), aliado à

“

**COMO TEMOS VÁRIAS ATIVIDADES OPERACIONAIS NO MEIO RURAL, HÁ UMA VARIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAIS NO MERCADO”**

**Armando Souza, tecnólogo em segurança do trabalho**

capacitação e à adoção de boas práticas, podem reduzir significativamente esses riscos.

De acordo com Armando Souza, tecnólogo em segurança do trabalho, o ambiente rural reúne diversos fatores que podem colocar a integridade do trabalhador em perigo. “Há uma gama de possibilidades de acidentes para o trabalhador do meio rural atualmente. Eu posso destacar o ataque de animais peçonhentos ou venenosos, cortes ocasionados por ferramentas ou equipamentos agrícolas, a falta ou o uso incorreto de EPIs e a falta de treinamento para a operação de maquinário, entre outros”, explica.

Segundo o especialista, a diversidade de atividades no campo exige diferentes tipos de proteção. No entanto, alguns equipamentos são considerados essenciais para a maioria das tarefas. “Como temos várias atividades operacionais no meio rural, temos uma variedade de Equipamentos de Proteção Individuais no mercado. Mas, dentro de um contexto geral, podemos pontuar alguns como chapéu legionário, óculos de proteção, avental de proteção, luvas de proteção, botas de proteção com perneira e roupas adequadas”, afirma.

Apesar da importância desses equipamentos, ainda é comum encontrar trabalhadores que deixam de utilizá-los no dia



**Armando Souza diz que responsabilidade pela segurança no campo é de todos**

FOTO: DIVULGAÇÃO

a dia do campo. Para Armando Souza, essa resistência pode trazer consequências graves. “Há um alto risco de acidentes, insolação, problemas de pele ou intoxicação por defensivos agrícolas”, alerta.

Com o intuito de evitar erros na escolha do equipamento adequado, o especialista recomenda buscar orientação técnica. “Hoje a melhor alternativa é contratar uma consultoria em Saúde e Segurança do Trabalho, ou buscar junto ao sindicato dos produtores rurais da região o auxílio técnico do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) para ter o melhor direcionamento. O produtor pode também se referenciar nas Normas Reguladoras do Ministério do Trabalho e Emprego, com destaque para a NR-31”, orienta.

O cuidado também deve ser redobrado no manuseio de máquinas e equipamentos agrícolas, que frequentemente estão envolvidos em acidentes graves. A capacitação profissional é apontada como um dos caminhos mais eficientes para reduzir riscos. “O produtor deve se capacitar e capacitar seus colaboradores por meio de capacitações profissionalizantes. Faço a devida referência ao Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, que tem como uma de suas missões a capacitação do homem do campo”, destaca.

Outro ponto de atenção é o uso de defensivos agrícolas, que exige procedimentos rigorosos de segurança. “É

imprescindível que os que estarão envolvidos, direta ou indiretamente, façam a capacitação para a manipulação segura e aplicação de defensivos agrícolas, para entender as logísticas de compra, transporte, armazenamento, manipulação e aplicação dos produtos fitossanitários”, explica o tecnólogo.

Armando Souza também lembra que a responsabilidade pela segurança no campo não é apenas do trabalhador. O empregador ou proprietário rural tem obrigações definidas por lei. “A normativa nº 31 deixa bem definidas as responsabilidades da organização rural ou empregador, como disponibilizar de forma gratuita os EPIs, informar como deve ser a sua devida higienização e guarda, proporcionar a devida troca quando danificado ou extraviado, fornecer água potável e oferecer treinamentos de capacitação”, afirma.

Mesmo com normas e equipamentos disponíveis, o especialista acredita que ainda há um desafio cultural a ser superado no setor. “Como técnico e tecnólogo em saúde e segurança do trabalho e instrutor na área há mais de 10 anos, percebo que a segurança do trabalho ainda é vista como ‘gasto’ e não como investimento. Pontuo como de fundamental importância a mudança de mentalidade das organizações rurais e dos empregadores, para que possamos vislumbrar uma cultura prevencionista no campo”, observa.

agro pa

## PARA ENTENDER

Principais pontos da NR-31 – Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde no Trabalho na Agricultura, Pecuária, Silvicultura, Exploração Florestal e Aquicultura

### GESTÃO DE RISCOS

Identificação de perigos no ambiente rural e adoção de medidas preventivas para reduzir acidentes e doenças ocupacionais.

### TREINAMENTO E CAPACITAÇÃO

Trabalhadores devem receber orientação e treinamento adequado para executar atividades com segurança.

### EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL (EPIs)

Devem ser fornecidos gratuitamente pelo empregador, com orientação sobre uso, higienização, armazenamento e substituição.

### MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS

Devem possuir dispositivos de proteção, manutenção regular e operadores capacitados.

### USO DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

Exige treinamento específico, procedimentos seguros de manuseio e uso obrigatório de EPIs adequados.

### CONDIÇÕES DE TRABALHO NO CAMPO

Obrigatoriedade de água potável, instalações sanitárias, locais adequados para refeições e proteção contra intempéries.

### RESPONSABILIDADE DO EMPREGADOR

Garantir segurança no ambiente de trabalho, fornecer EPIs e promover capacitação dos trabalhadores.

### CULTURA DE PREVENÇÃO

A norma incentiva práticas que reduzam acidentes e promovam saúde e segurança no meio rural.

(Fonte: Gov.BR)



# Mauro Bonna

✉ [negocios@maurobonna.com.br](mailto:negocios@maurobonna.com.br)

## RURAL

A dinâmica Associação Rural da Pecuária do Pará promoverá jantar comemorativo no dia 15 de maio, no Parque de Exposições Presidente Médice, para marcar os 75 anos de sucesso da mais longeva e respeitada entidade do agro no Estado.

## PECUÁRIA

O jantar de aniversário da Associação Rural da Pecuária do Pará terá Fernando Dacier Lobato como anfitrião. Reunirá 250 talheres com buffet assinado por Márcia Soares, cerimonial de Edila Porto, organização de Danielle Cecim e voz de Carol Ferreira.

## AÇAÍ

A criação de fundo financeiro para apoiar o desenvolvimento da cadeia do açaí é foco da Amaçaí, entidade que reúne os processadores do fruto. Os exemplos a serem seguidos são os sucessos do Funcacau e Funcafé.

## NA CUIA

O empresário Rafael Barros, titular da rede de restaurantes Amazônia na Cuiá, inaugura em junho uma grande estrutura, na Domingos Marreiros, com equipamentos de ponta, para bater, se autofornecer, e vender para o público um açaí especial, grosso e médio, plantado em 10 hectares no Cafezal. Também venderá no sistema delivery.

## CAPITANIA

A Capitania dos Portos já multou a Linave/NL Transporte Multimodal pelo embarque de grãos em portos da Arthur Bernardes, sem licença e sem a estrutura mínima.

## CARNE

É complicada a situação da indústria da carne do Pará. Acabará agora em junho a quota de exportação que a China impôs ao Brasil. E cerca de 77% das exportações da carne paraense vão justamente para a China. O Pará ainda não tem habilitação para os demais mercados interessantes.

## CHINA

O Pará se adaptou bem ao chamado "Boi China", país que exige abate abaixo de 30 meses. Até então o abate ocorria com 36 meses. Com o rebanho comercial paraense é 100% rastreado, ficou fácil manter o controle de qualidade.

## GENÉTICA

A Fazenda Tapajós, em Itaituba, realizará no dia 29 de maio, o seu primeiro Sunset com oito fêmeas de primeira linha. E no dia seguinte, 30 de maio, o 8º Leilão Fazenda Tapajós & Convidados. Etapa Touros. Tudo transmitido ao vivo pelo Agro Canal, na SKY.

## PALMA

A colombiana Daabom já assumiu todos os ativos da Agropalma no Pará: áreas plantadas e instalações de extração no município de Tailândia e a refinaria de óleo de palma na Arthur Bernardes.

## PITAYA

O cultivo de Pitaya chegou à Amazônia. O Pará já tem produção significativa, com cerca de 10% do total. A produção brasileira, de seis mil toneladas por ano, é pequena quando comparada com os países do leste europeu, porém, já é um bom começo. A fruta é rica em fibras, apresenta baixo teor calórico, registra vitamina C, ferro e magnésio.

## PIRARUCU

A Reicon Agro trabalha para lançar no mercado o pirarucu em lata, seguindo o sucesso do atum, bacalhau e sardinhas.

## SAFRA

No escoamento de grãos do Centro-Oeste, até junho, para o terminal de Miratuba, as rodovias federais BR-230 (Transamazônica) e BR-163 (Cuiabá-Santarém) estão praticamente intransitáveis. São cerca de 3.200 carretas por dia. Muita chuva, filas imensas.

## BOI

Relatório da pecuária no Pará: rebanho bovino de 23,4 milhões de cabeças. Áreas de pastagem 19,3 ha. Cerca de 58,4% do rebanho está em propriedades acima de 500 ha. Desfrute do rebanho em 2025: 21,1%.

## FRIGORÍFICOS

O Pará possui o segundo maior rebanho nacional, mas apenas 69 plantas frigoríficas. Em 2025, a produção paraense atingiu 1,18 milhão de toneladas. **agro pa**

**SABOR QUE IMPRESSIONA**  
DO PASTO, AO PRATO. TERROIR DO PARÁ!

Reduto | CARIOCA

(91) 3015-8342 | @REDUTODASCARNES | @FAZ.CARIOCA | AV. SEN. LEMOS, 65 - UMARIZAL, BELÉM (PA)

**negocios@maurobonna.com.br**  
@maurobonna  
Baixe, gratuitamente, o aplicativo do Mauro Bonna.



# Capital de Giro

## do Banco da Amazônia

Tranquilidade pra você,  
mais fôlego pro seu negócio.

- **As melhores taxas do mercado**
- **Até 60 meses para pagar**

Seu negócio merece respirar com tranquilidade. E com o **Capital de Giro do Banco da Amazônia**, você garante fôlego para crescer sem apertos. Aqui, você tem crédito e serviços feitos sob medida para a sua empresa, com as melhores taxas do mercado e até 60 meses pra pagar.

Conheça  
e contrate



 banco da  
**amazônia**

Sonhar. Mover. Impactar.